

Mahler Chamber Orchestra

Yuja Wang



17 nov 24

17 nov 24 DOMINGO 18:00

GRANDE AUDITÓRIO

Mahler Chamber Orchestra

Yuja Wang Piano e Direção

José Maria Blumenschein Concertino e Líder

Igor Stravinsky

Concerto em Mi bemol maior, *Dumbarton Oaks* c. 15 min.

1. *Tempo giusto*
2. *Allegretto*
3. *Con moto*

Maurice Ravel

Concerto para Piano e Orquestra em Sol maior c. 24 min.

1. *Allegremente*
2. *Adagio assai*
3. *Presto*

INTERVALO

Maurice Ravel

Le tombeau de Couperin c. 18 min.

1. *Prélude*
2. *Forlane*
3. *Menuet*
4. *Rigaudon*

Alexander Tsfasman

Jazz Suite, para Piano e Orquestra c. 17 min.

1. *Snowflakes*
2. *Lyrical Waltz*
3. *Polka*
4. *Career*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Igor Stravinsky

(Oranienbaum, 1882 – Nova Iorque, 1971)

Concerto em Mi bemol maior, *Dumbarton Oaks*

—

COMPOSIÇÃO 1937-1938

ESTREIA Georgetown, 8 de maio de 1938

DURAÇÃO c. 15 min.

Obra inscrita no período neoclássico do compositor russo Igor Stravinsky, o Concerto em Mi bemol maior, *Dumbarton Oaks*, foi composto a pedido de Robert Woods Bliss, conhecido diplomata e patrono das artes americano. O intuito deste último era o de comemorar o seu trigésimo aniversário de casamento com a estreia de uma obra original de Stravinsky, na mesma propriedade de Dumbarton Oaks, situada na cidade de Georgetown (Washington, D.C.), na qual tão frequentemente se realizavam exposições e eventos públicos, sob os seus auspícios. Indisponível para dirigir a estreia, a qual ocorreu a 8 de maio de 1938, o compositor russo nomeou, em sua substituição, a reputada compositora francesa, Nadia Boulanger.

Segundo o próprio Stravinsky, a principal linha de inspiração da partitura foram os *Concertos Brandeburgueses* de J. S. Bach. O efetivo instrumental, constituído por flauta, clarinete, fagote, duas trompas, três violinos, três violas, dois violoncelos e dois contrabaixos, permitiu emular o ancestral concerto grosso, fosse na filigrana das fugas, fosse nos jogos de alternância entre secções solistas e *tutti*. Apesar de preponderante, esta influência convive, no curso da partitura, com várias outras reminiscências estilísticas, designadamente do período clássico e ainda do modernismo. Enquanto que o primeiro andamento,

Tempo giusto, evoca precisamente a natureza contrapontística da sonoridade barroca, o segundo, *Allegretto*, parece decalcar-se nos contornos graciosos do minuete vienense, sobre a pontuação precisa do fagote. Por sua vez, a flauta traz ecos disruptores, no registo agudo. O idioma de Stravinsky reveste-se de contornos de marcha no último andamento, *Con moto*. O andamento principia com uma oposição sincopada entre as trompas e as cordas graves, constituindo-se em refrão, sujeito a variações. Entre as sucessivas apresentações do padrão marcial, o compositor intercalou secções de caráter contrastante, ora voltadas para o contraponto fugado, ora para a exaltação da dança. O resultado tem tanto de bosquejo histórico como da fantasia efusiva de um dos espíritos mais brilhantes do século XX.

Maurice Ravel

(Ciboure, 1875 – Paris, 1937)

Concerto para Piano e Orquestra em Sol maior

—

COMPOSIÇÃO 1929-1931

ESTREIA Paris, 14 de janeiro de 1932

DURAÇÃO c. 24 min.

Le tombeau de Couperin

—

COMPOSIÇÃO 1919 (versão orquestral)

ESTREIA Paris, 28 de fevereiro de 1920

DURAÇÃO c. 18 min.

A par com o coevo *Concerto para a mão esquerda*, o Concerto para Piano e Orquestra em Sol maior representa um esforço assinalável de emancipação criativa face à esfera das transcrições

para orquestra, nas quais Ravel também se destacou e de que é exemplo a obra que inaugura a segunda parte do presente concerto. No Concerto em Sol maior, Ravel partiu das possibilidades intrínsecas dos naipes orquestrais – em particular dos sopros – para desenhar uma escrita de uma beleza e de um virtuosismo ímpares em toda a sua produção musical. Uma introdução breve e trepidante dá início ao primeiro andamento, *Allegramente*. O piano expõe, depois, um tema contrastante, *meno vivo*, cujo ritmo sincopado evoca a nova corrente do Jazz, pela qual Ravel se deixou cativar na viagem que fez aos Estados Unidos da América, em 1828. As longas volutas do instrumento solista assumem o protagonismo da textura, despertando interações diversas do tecido orquestral. O andamento conclui-se com a recapitulação da agitada secção inicial. O segundo andamento, *Adagio assai*, é um exemplo lídimo da sensibilidade raveliana. À melodia inicial do piano, em ritmo ternário, juntam-se harmonias de grande sutileza e mesmo de algum exotismo. No final do andamento, e precedido por um murmúrio da flauta, o piano deixa em aberto este quadro onírico absolutamente extraordinário, através de um longo trilo que parece gravitar para além das barras de compasso. Ravel inaugurou o derradeiro andamento, *Presto*, com a demonstração da sua técnica virtuosística, antes de surgir o primeiro elemento temático. Este é primeiramente esboçado pelo solista, mas transita rapidamente para os sopros. O motivo seguinte detém um perfil popular, realçado pelo piano. Por fim, e num curto espaço de tempo, tem lugar uma espécie de marcha militar, comentada pelos trompetes. O desenvolvimento conta com a participação

empenhada do fagote e propõe, como seria de esperar, numerosas manipulações dos componentes temáticos atrás mencionados.

Partitura destacada da produção orquestral de Maurice Ravel, *Le tombeau de Couperin* resultou da adaptação e orquestração da versão originária para piano solo, composta entre 1914 e 1917, sob os ventos tempestuosos da Primeira Grande Guerra. Em 1919, o compositor selecionou quatro dos seis andamentos da suite pianística com o intuito de os orquestrar e fazer sobressair a ancestral tradição francesa do *Tombeau* como peça de homenagem póstuma. De salientar que foram os alaudistas barrocos Denis e Ennemond Gaultier os primeiros a cultivarem este género musical singular que viria a deixar ecos na música do século XX, não apenas pela pena de Ravel, mas também do espanhol Manuel de Falla e da americana Mona Lyn Reese, entre outros.

Em cada andamento, o músico projetou as recordações que tinha de amigos ou conhecidos que haviam perecido em distintos campos de batalha. Desta forma, o primeiro andamento, *Prélude*, na tonalidade de Mi menor, foi dedicado à memória do tenente Jacques Charlot, cujo temperamento audaz é evocado pelas longas figurações em estilo *perpetuum mobile*, pontuadas por subtis ornamentos, habilmente transpostos para os sopros de madeira. Na mesma tonalidade, o segundo andamento, *Forlane*, inflete numa dimensão ambígua e obscura, por via das dissonâncias e acentuações, sempre envoltas num contínuo orquestral de grande refinamento. A dedicatória póstuma foi dirigida ao tenente Gabriel Deluc. O andamento seguinte, *Menuet*, em Sol maior, reverencia a memória do tenente Jean Dreyfus,

qual sonho repleto de recordações, ora serenas, ora enérgicas, todas elas assentes no desenho ternário da dança ancestral. Em último lugar, Ravel posicionou o *Rigaudon*, dança tradicional do barroco francês, muito frequente na região do Languedoc. No epicentro da tonalidade radiosa de Dó maior, o compositor evoca os sons e as cores da sua infância, passada na idílica localidade de Saint-Jean-de-Luz, situada no extremo oeste dos Pirenéus franceses, junto à orla marítima. A dedicatória póstuma foi aqui dirigida aos dois amigos de infância, Pierre e Pascal Gaudin.

Alexander Tsfasman

(Zaporíjia, 1906 – Moscovo, 1971)

Jazz Suite, para Piano e Orquestra

—

COMPOSIÇÃO 1945

DURAÇÃO c. 17 min.

O compositor e pianista Alexander Tsfasman desempenhou um papel pioneiro na introdução do Jazz na então União Soviética, expandindo, desta forma, a tradição musical originária dos Estados Unidos da América e cultivada por expoentes como Duke Ellington, George Gershwin, Louis Armstrong e Miles Davis. Longe de ter começado como autodidata, Tsfasman realizou os seus estudos musicais no Conservatório de Moscovo, sob a orientação do compositor e maestro Felix Blumenfeld. Graduou-se nessa instituição em 1930, dando início a uma atividade prolixa, primeiramente como pianista-acompanhador do corpo de bailado do Teatro Bolshoi e, mais tarde, como líder da orquestra de Jazz da organização radiofónica estatal da URSS.

Nos anos do pós-guerra, quando o Jazz foi banido de quase todos os círculos musicais, Tsfasman foi obrigado a abandonar a orquestra que o tornou famoso, assumindo então as funções de diretor musical do Museu Hermitage de São Petersburgo e compondo numerosas canções e peças instrumentais, a par com as bandas sonoras de alguns filmes. No mesmo ano em que a URSS derrotou o exército nazi (1945), pondo fim à Segunda Grande Guerra na Europa, Tsfasman dirigiu a primeira audição moscovita da *Rhapsody in Blue* de George Gershwin, tendo ainda agitado os ventos de mudança com a composição da *Jazz Suite* que encerra o presente concerto. Trata-se de uma obra notável, que nos traz o melhor da inspiração de Tsfasman e que faz jus aos dotes de pianista virtuoso, reconhecidos por pianistas como Alexander Goldenweiser, Heinrich Neuhaus e Konstantin Igumov. Também Dmitri Chostakovitch lhe confiou, certa vez, a parte de piano de uma das suas partituras cinematográficas, declarando-se, ele próprio, incapaz de a tocar. Do ambiente evocativo do primeiro andamento, *Snowflakes*, com as suas escalas ascendentes e descendentes e os seus contornos rítmicos sincopados, decalcados das Big Bands de Nova Orleães, Tsfasman inflte no registo mais intimista da *Lyrical Waltz*. Em terceiro lugar, a *Polka* faz desenrolar um discurso de grande variedade harmónica, em que o piano se destaca, ora como solista, ora como acompanhador das cordas e dos sopros. O andamento final, *Career*, coloca em relevo o virtuosismo pianístico, sob o amparo permanente da orquestra, cujos contracantos se revestem de efusiva beleza.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

Yuja Wang

Talento artístico, carisma e cativante presença em palco são algumas das qualidades da pianista Yuja Wang. Apresentou-se com os mais prestigiados maestros e orquestras do mundo, sendo reconhecida não só pelo seu virtuosismo, mas também pelas suas atuações espontâneas, tendo dito ao *New York Times*: “Acredito firmemente que cada programa deve ter uma vida própria e ser uma representação de como me sinto no momento”.

As suas capacidades ficaram recentemente demonstradas numa “maratona Rachmaninov” no Carnegie Hall, com o maestro Yannick Nézet-Séguin e a Orquestra de Filadélfia.

Um evento histórico que assinalou os 150 anos do nascimento do compositor e que incluiu interpretações dos quatro Concertos para Piano, além da *Rapsódia sobre um Tema de Paganini*. Na temporada 2022/23, tocou também, em estreia mundial, o Concerto para Piano n.º 3 de Magnus Lindberg, com a Orquestra Sinfónica de São Francisco.

Yuja Wang nasceu em Pequim, no seio de uma família musical. Depois de estudar piano na China, recebeu formação avançada no Canadá e no Curtis Institute of Music, em Filadélfia, com Gary Graffman. A sua projeção internacional ocorreu em 2007, quando substituiu Martha Argerich como solista, com a Orquestra Sinfónica de Boston. Dois anos depois, assinou um contrato de exclusividade com a Deutsche Grammophon. Foi nomeada “Artista do Ano” pela *Musical America* em 2017 e, em 2021, recebeu o prémio *Opus Klassik* pela sua gravação de *Must the Devil Have all the Good Tunes?*, de John Adams, com a Filarmónica de Los Angeles e o maestro Gustavo Dudamel.

No domínio da música de câmara, desenvolveu parcerias duradouras com vários artistas de primeiro plano. Na presente temporada, assinala-se uma digressão internacional de recitais em duo com o pianista Víkingur Ólafsson, que inclui apresentações na América do Norte e na Europa.

José Maria Blumenschein

De ascendência brasileira, José Maria Blumenschein nasceu em Friburgo, na Alemanha. Desempenha atualmente as funções de 1.º Concertino da Orquestra Sinfónica da Rádio WDR, em Colónia, depois de ter sido Concertino Associado da Orquestra de Filadélfia durante três temporadas.

Em duas temporadas, apresentou-se também como 1.º Concertino da Ópera Estadual e Orquestra Filarmónica de Viena. Colabora regularmente com outras orquestras, como a Mahler Chamber Orchestra, a Orquestra do Festival de Bayreuth, a Orquestra de Câmara da Europa, a Sinfónica de Londres, a Staatskapelle Dresden ou a Orquestra da Rádio NDR. Blumenschein é também membro fundador do *Kammermusik Köln*, um ciclo de música de câmara em Colónia fundado por membros da Rádio WDR, da Gürzenich Orchestra e do Conservatório de Colónia, sendo o primeiro ciclo de música de câmara que se estende ao longo do ano.

Blumenschein nasceu em 1985 e recebeu as suas primeiras aulas de violino aos quatro anos de idade, em Friburgo, no Instituto Pflüger para Crianças Sobredotadas. Em 1990 começou a estudar com Vera Kramarowa, em Mannheim. Em 2001 foi aceite no Curtis Institute of Music, em Filadélfia, onde estudou com o maestro e violinista Joseph Silverstein e foi Concertino da Curtis Symphony Orchestra. Colabora com a Mahler Chamber Orchestra há quase duas décadas e, desde 2023, partilha o lugar de concertino com Matthew Truscott.

Mahler Chamber Orchestra

Desde a sua fundação, em 1997, a Mahler Chamber Orchestra (MCO) afirmou-se como uma das principais orquestras a nível mundial. Os seus músicos são originários de 25 países e é gerida coletivamente pelos seus membros, em colaboração com a equipa de gestão sediada em Berlim. O diálogo da música de câmara e a escuta unânime moldam a sonoridade da Orquestra; uma filosofia intitulada *The Sound of Listening*, inspirada no mentor da orquestra, Claudio Abbado. Na temporada 2023/24, a MCO apresentou-se com os maestros Sir Simon Rattle, Maxim Emelyanychev, Tugan Sokhiev e Anja Bihlmaier e com o seu Consultor Artístico Daniele Gatti, entre outros. Na presente temporada, apresenta-se com Antonello Manacorda, Gianandrea Noseda, Elim Chan e Raphaël Pichon. A MCO é reconhecida pelas suas atuações sem maestro, em que o respetivo solista dirige o conjunto. Recentemente, apresentou-se desta forma com as suas colaboradoras artísticas Yuja Wang e Mitsuko Uchida, com as quais realiza digressões várias vezes por ano. Para a temporada 2024/25 estão também previstos projetos com os solistas Augustin Hadelich, Stéphane Degout e Leif Ove Andsnes. A Orquestra mantém residências em Berlim, Salzburgo e Lucerna; a partir de 2026, sucederá à Orquestra Filarmónica de Berlim no Festival de Páscoa de Baden-Baden. Em 2024, a MCO assumiu o papel de Diretor Artístico do Musikwoche Hitzacker, onde apresenta todos os anos um repertório diversificado, caracterizado pela música de câmara. Em março de 2025, o pianista Leif Ove Andsnes, amigo de longa data e colaborador da MCO, será o artista residente do festival. A MCO está empenhada em enriquecer vidas através da música e promove ativamente encontros que levam a música, a aprendizagem e a criatividade a comunidades de todo o mundo. O seu programa *Feel the Music* apresenta a música a pessoas surdas, enquanto a *MCO Academy* permite a partilha

de conhecimentos com a próxima geração de músicos. Adicionalmente, os concertos escolares convidam os alunos para uma viagem multicultural, fomentando a introspeção e a contemplação sobre o tema “Pertencer”. As apresentações da MCO são frequentemente gravadas e transmitidas pelas principais estações e pelo canal ARTE; o mais recente CD do conjunto, com a ópera *Picture a Day like this*, de George Benjamin, foi lançado pela Nimbus em setembro de 2024. Juntamente com o seu parceiro artístico para experiências imersivas, Henrik Oppermann/Schallgeber, a MCO desenvolveu uma série de formatos de concerto XR. Desde julho de 2024, algumas das peças de música de câmara produzidas em XR estão disponíveis na aplicação Mahler Chamber Orchestra para Apple Vision Pro.

Mahler Chamber Orchestra em digressão

PRIMEIROS VIOLINOS

José Maria Blumenschein* (ALEMANHA)

Cindy Albracht (PAÍSES BAIXOS)

May Kunstovny (ÁUSTRIA)

Hildegard Niebuhr (ALEMANHA)

Timothy Summers (EUA)

Clara Scholtes (ALEMANHA)

Nicola Bruzzo (ITÁLIA)

Iidamari Ahonen (FINLÂNDIA)

SEGUNDOS VIOLINOS

Johannes Lörstad** (SUÉCIA)

Christian Heubes (ALEMANHA)

Nanni Malm (ÁUSTRIA)

Mette Tjaerby Korneliusen (DINAMARCA)

Paulien Holthuis (PAÍSES BAIXOS)

Naomi Peters (PAÍSES BAIXOS)

Michiel Commandeur (PAÍSES BAIXOS)

VIOLAS

Joel Hunter** (GRÃ-BRETANHA)

Benjamin Newton (GRÃ-BRETANHA)

Anna Maria Wünsch (ALEMANHA)

Yannick Dondelinger (GRÃ-BRETANHA)

Samuel Burstin (GRÃ-BRETANHA)

VIOLONCELOS

Frank-Michael Guthmann** (ALEMANHA)

Stefan Faludi (ALEMANHA)

Clara Grünwald (ALEMANHA)

Philipp von Steinaecker (ALEMANHA)

Moritz Weigert (ALEMANHA)

Alja Mandič Faganel (ESLOVÉNIA)

CONTRABAIXOS

Rodrigo Moro Martín** (ESPANHA)

Johane Gonzalez Seijas (ESPANHA)

Lars Radloff (ALEMANHA)

FLAUTAS

Adriana Ferreira (PORTUGAL)

Virginie Reibel (FRANÇA)

OBOÉS

Louis Baumann (FRANÇA)

Eloi Huscenot (FRANÇA)

CLARINETES

Vicente Alberola (ESPANHA)

Mariafrancesca Latella (ITÁLIA)

FAGOTES

Mathis Stier (ALEMANHA)

Andrés Yauri (VENEZUELA)

TROMPAS

Iago Bernat Sanchis (ESPANHA)

Jonathan Wegloop (PAÍSES BAIXOS)

TROMPETE

Christopher Dicken (GRÃ-BRETANHA)

TROMBONE

Andreas Klein (ALEMANHA)

TÍMPANOS E PERCUSSÃO

Martin Piechotta (ALEMANHA), TIMBALES

Rizumu Sugishita (JAPÃO)

Koen Platetinck (BÉLGICA)

Christian Miglioranza (ITÁLIA)

HARPA

Marianne Hofman (PAÍSES BAIXOS)

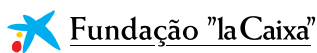
* Concertino

** Chefe de naipe



MAHLER CHAMBER
ORCHESTRA

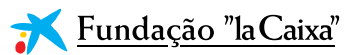
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

